



Expressões da resistência

A arte contemporânea palestina

Amanda De Sordi

MEMO
MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

O Monitor do Oriente Médio é um instituto de pesquisa política sem fins lucrativos que fornece informações e análises abrangentes sobre política internacional. Sua produção é disponibilizada para uso de jornalistas, acadêmicos e políticos com interesse nas regiões do Norte da África e Oriente Médio — com destaque para a questão palestina. O portal em português também inclui informações e análises sobre América Latina.

O objetivo do MEMO é influenciar políticas e pautas públicas a partir da perspectiva da justiça social, dos direitos humanos e da lei internacional. Isso é fundamental para obter igualdade, segurança e justiça.

O MEMO gostaria de ver um Oriente Médio definido por princípios de igualdade e justiça, ao promover a restauração dos direitos palestinos, incluindo o direito de retorno e um Estado palestino democrático com Jerusalém como sua capital. O MEMO defende também um Oriente Médio livre de armas nucleares.

Ao assegurar que formuladores de políticas sejam melhor informados, por meio de uma cobertura de mídia justa e embasada, o MEMO busca promover um maior impacto nos atores responsáveis por decisões-chave que afetam políticas regionais e internacionais.

Título: Expressões da resistência: a arte contemporânea palestina

Imagem de capa: Rohan, de Khaled Hourani (2020), acrílico sobre tela, 167 x 125 cm, presente na exposição Palestinian Art: Resilience and Inspiration, da Zawyeh Gallery, em Dubai [Divulgação/Zawyeh Gallery]

Publicado em março de 2022.

© Editora MEMO 2022

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, transmitida ou distribuída, por qualquer forma ou meio, sem expressa autorização prévia dos detentores dos direitos autorais.



Monitor do Oriente Médio
Avenida Conselheiro Carrão, 1077
Sala 706, Vila Carrão São Paulo
Estado de São Paulo, Brasil
+55 (11) 2093-0599
www.monitordooriente.com

Expressões da resistência: A arte contemporânea palestina

Amanda De Sordi

Graduada em Jornalismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e em Letras, com habilitação em Português e Árabe, pela Universidade de São Paulo. Trabalhou como arte-educadora em diversas exposições de arte contemporânea e como jornalista para o Monitor do Oriente Médio.



O que tenho¹

Sou uma pessoa simples
nunca levei um rifle nos ombros
nunca disparei uma arma.
Não tenho mais que
umas canções de minha autoria,
e uma pena
e um tinteiro
para desenhar os meus sonhos.
Chego a não ter comida
e estou quase satisfeito.
Mas tenho uma fé
que não se abala
e um amor do tamanho do mundo
por um povo que sofre.

Tawfiq Zayyad

Expressões da resistência: A arte contemporânea palestina

Apenas recentemente a comunidade internacional passou a reparar e se interessar pela arte palestina, que tem ainda uma presença muito discreta no mercado de arte globalizado. Como coloca Marion Slitine,

A literatura das ciências sociais sobre a Palestina, superabundante quanto aos aspectos geopolíticos, sociais e econômicos, se mostra bastante discreta no que diz respeito a suas dimensões artísticas e culturais. Entretanto, o cenário artístico nos Territórios Palestinos Ocupados é um reflexo particularmente fiel da dinâmica da sociedade palestina contemporânea. Aqui, a arte não é uma exclusividade da elite, e os artistas, considerados porta-vozes dos interesses nacionais de sua pátria (watan), cumprem uma importante função social².

A arte nacional palestina foi criada com a contribuição de artistas de origem cristã, muçulmana e drusa; alguns tiveram treinamento acadêmico; outros permaneceram autodidatas. “A natureza e a qualidade da contribuição de cada artista eram frequentemente determinadas pela proximidade do indivíduo ao confronto político”³. Tendo a fragmentação como característica, os artistas criavam de maneira dispersa, em sua maioria,

1 Poema de Tawfiq Zayyad traduzido por Beatriz Negreiros Gamignani

2 SLITINE, Marion. Cultural Creations in Times of Occupation: The Case of the Visual Arts in Palestine. IEMed: Mediterranean yearbook 2016 3 Boullata, Kamal. Art. In: MATTAR, Philip (org). Encyclopedia of the Palestinians. Revised Edition. Facts On File, 2005

3 BOULLATA, Kamal. Art. In: MATTAR, Philip (org). Encyclopedia of the Palestinians. Revised Edition. Facts On File, 2005

desconhecendo a arte criada por outros membros de sua geração. Entretanto, o trabalho de cada artista à sua maneira procurava articular a experiência do espaço, da identidade e da cultura.

Para verdadeiramente compreender suas obras, a arte palestina não pode ser dissociada da história política da região; às constantes ocupações (otomana, britânica e israelense), a limpeza étnica e a ameaça a identidade palestina moldaram o fazer artístico e a finalidade da arte. Este artigo busca traçar um breve panorama sobre a arte palestina, especialmente na sua fase contemporânea, e apresentar diversos artistas que vivem tanto nos territórios ocupados da Palestina quanto na diáspora.

As obras apresentadas aqui refletem as experiências de milhares de palestinos que lutam pela libertação. Ainda que passível de diversas interpretações, a arte contemporânea palestina conta a história desse povo de uma forma que os livros acadêmicos jamais conseguirão, com possibilidades de impactar profundamente o observador mais atento. Compreender o contexto palestino é essencial para refletir sobre sua arte. Como questiona a artista e crítica de arte Kamal Boullata, quando pondera sobre a produção artística diante da ocupação:

Como se cria arte sob a ameaça de morte repentina e a imprevisibilidade de invasão e cerco? Mais especificamente, como os artistas palestinos articulam sua consciência do espaço quando o espaço físico de sua terra natal está sendo diminuído diariamente por barreiras e paredes eletrônicas e quando suas próprias casas podem a qualquer momento ser ocupadas por soldados ou mesmo destruídas? De que forma um artista pode se envolver com a paisagem de sua terra natal quando antigos laranjais e oliveiras estão sendo sistematicamente destruídos? Quando a dor de famílias enlutadas é reduzida pela mídia de massa a uma abstração transmitida na velocidade da luz para uma tela de TV, que linguagem um artista visual pode usar para expressar tanta dor?⁴

Arte Palestina

Kamal Boullata descreve a história da arte palestina como podendo ser dividida em três fases. A primeira corresponde ao período de 1795 a 1955, com as primeiras tradições do país na criação de quadros, derivados da tradição bizantina. O êxodo de 1948 levou a segunda fase, de 1955 a 1965, com uma nova arte palestina feita principalmente por refugiados. A terceira fase, a partir de 1965, “inclui a arte criada tanto no exílio quanto em solo nativo. Durante a última década do século XX, membros da geração mais jovem de artistas começaram a adotar meios não pictóricos de expressão visual”⁵.

A criação do Estado de Israel, em 1948, marca, na história palestina, a Nakba (catástrofe, em árabe), com a expulsão e fuga dos palestinos, confisco de suas propriedades e massacres cometidos pelas forças sionistas e destruição de seu patrimônio.

O processo colonial sionista teve como objetivo a “judaização” do território, um programa expansionista sionista de reestruturação da terra, partindo de uma configuração árabe palestina para uma judaica-israelense, baseado no mito hegemônico cultivado pelo sionismo de que aquela terra pertence unicamente ao povo judeu⁶.

Segundo Boullata, a irrecuperabilidade dos pertences e obras de arte saqueadas pelos judeus condenou um século e meio de desenvolvi-

5 BOULLATA, 2005

6 HUBERMAN, Bruno, e NASSER, Reginaldo. A Judaização Da Palestina: Atores, Processos e Interações. 3º Seminário de Relações Internacionais em Florianópolis (SC), 30 de setembro de 2016

7 FISHER, Jean. “Palestinian art: from 1850 to the present.”. Third text, Vol. 24, Julho, 2010. p. 481-489

mento modernista palestino ao esquecimento⁷. Os símbolos e nomes foram apagados e substituídos sistematicamente pelo processo de judaização, em uma tentativa de apagar a memória palestina daquela terra, para sustentar a narrativa sionista de “uma terra sem povo para um povo sem terra”.

Para Boullata, apesar das rupturas no desenvolvimento da arte palestina, fios de continuidade ligam gerações, exiladas ou isoladas nos Territórios Ocupados, sobretudo pela invocação do lugar e da memória: “Hoje, a memória continua a ser o tecido conectivo através do qual a identidade palestina é afirmada e é o combustível que repõe a história de sua resistência cultural”⁸.

Como afirma Jean Fisher, a batalha pela verdade contra a propaganda deve ser travada no campo da representação. A imprensa internacional cobre muito mais uma violência espetacularizada sem significado histórico do que a extraordinária riqueza da cultura palestina e sua luta pela sobrevivência frente às políticas israelenses que objetivam a limpeza étnica. “Embora as informações sobre a literatura, arquitetura, fotografia e cinema palestinas tenham circulado amplamente na última década, a comunidade internacional das artes visuais só recentemente voltou sua atenção para a arte palestina”⁹.

A guerra Árabe-Israelense de 1967, também chamada de Guerra dos Seis Dias, causou o deslocamento de aproximadamente 300 mil palestinos, destes, cerca de 120 mil já eram refugiados de 1948. Em consequência da guerra, cerca de 650 mil palestinos em Jerusalém e na Cisjordânia e 350 mil em Gaza caíram sob ocupação israelense e tanto Gaza

8 Ibid.

9 Ibid.

quanto a Cisjordânia foram regidas pela lei marcial israelense¹⁰. Segundo Kamal Boullata, “nas três décadas seguintes, apesar de uma luta prolongada pela autodeterminação, as aspirações nacionais dos palestinos permaneceram não realizadas” e “onde quer que vivessem, artistas palestinos emergentes procuraram articular sua situação pessoal em relação ao sonho coletivo de reconquistar sua pátria”¹¹.

Com a ocupação na Cisjordânia e Faixa de Gaza, a região se transformou em um “gueto cultural” e uma nova geração de artistas surgiu: Karim Dabbah, Taysir Sharaf, Nabil Anani, Kamil Mughanni, Vera Tamari, Fathi Ghabin, Isam Badr, Sulayman Mansur, Taysir Barakat, Fatin Tubasi, Samira Badran e Yusif Duwayk. Eles fundaram em 1973 a “Liga dos Artistas Palestinos”, “cujas exposições foram a primeira manifestação coletiva da arte palestina em solo nativo”¹².

Sob ocupação militar, essas exposições constituíram uma nova forma de resistência política. Localizadas em escolas, prefeituras e bibliotecas públicas, as exposições de arte tiveram um efeito transformador, tornando-se um evento comunitário que atraiu multidões cada vez maiores de todos os segmentos da sociedade. Como a arte palestina era uma expressão de identidade coletiva, as autoridades israelenses começaram a impor censura militar a todas as exposições. Até mesmo o uso combinado das quatro cores que compunham a bandeira palestina foi proibido e uma tentativa de estabelecer uma galeria local foi abortada. Exposições não autorizadas foram invadidas por tropas, com ordem de saída do público e confisco de pinturas. Artis-

10 PERETZ, Don. Arab-Israeli war of 1967. In: MATTAR, Philip (org). Encyclopedia of the Palestinians. Revised Edition. Facts On File, 2005

11 BOULLATA, 2005

12 Ibid.

13 Ibid.

tas palestinos foram frequentemente submetidos a interrogatórios e prisões. Quanto mais duras as medidas aplicadas, mais empoderados politicamente os artistas se tornaram. Eventualmente, sua situação despertou o protesto de alguns israelenses e de vários grupos não governamentais internacionais.¹³

Antes dos acordos de Oslo (1993), a arte palestina trazia uma forte temática nacionalista, com referências claras ao exílio, Nakba, direito ao retorno, resistência e símbolos da pátria (como as figuras da chave, bandeira palestina, oliveira e etc). Os artistas foram reprimidos pela censura da ocupação, “a produção artística foi vista como ferramenta para promoção da identidade e causa palestina a serviço dos partidos políticos e da OLP, que administravam completamente o setor cultural”¹⁴.

Durante a virada do século XX, novas formas de expressão artística começaram a se desenvolver, ferramentas mecânicas e não pictóricas atraíram uma nova geração de jovens artistas palestinos, abrindo novos caminhos na arte conceitual palestina, com o uso de vídeos, objetos encontrados, fotografia, performance e instalação. Segundo Boullata:

O imediatismo e a franqueza das novas mídias forjaram sensibilidades visuais que otimizaram a comunicação da arte conceitual e política. Simultaneamente, a facilidade e a portabilidade das ferramentas libertaram os artistas em todos os lugares dos limites de um local de trabalho e dos limites das paredes da galeria. Tais qualidades e a licença que a linguagem exploratória propôs instintivamente atraíram os artistas palestinos cujas vidas jovens foram pontuadas por sua sobrevivência nômade nos centros urbanos. A acessibilidade às novas ferramentas e o apoio institucional que os artistas palestinos

14 SLITINE, 2005

receberam proporcionaram oportunidades sem precedentes. Em um mundo mais globalizado, no qual os artistas emergiam das margens dos movimentos convencionais para ocupar o centro do palco, a arte conceitual e política de jovens artistas palestinos começou a encontrar seu lugar¹⁵.

A pioneira que abriu caminho para a arte conceitual palestina foi Mona Hatoum. Uma instalação sua criada na Galeria Anadiel de Jerusalém, em 1996, foi um divisor de águas para os artistas locais. Dois anos depois, instalações do artista de Ramallah, Khalil Rabah, representaram a Palestina na 24ª Bienal Internacional de São Paulo, no Brasil. Em 2001, uma instalação de Sharif Waked, artista de Haifa, foi exposta na 49ª Bienal Internacional de Veneza. Ao mesmo tempo, a pintura continuou igualmente importante, especialmente em Gaza.

Os artistas contemporâneos dessa nova geração ainda usam símbolos da ocupação em suas obras - como o muro, checkpoint, soldados -, mas com a intenção de mostrar suas consequências na vida cotidiana dos palestinos.

Assim, por exemplo, no filme de Khaled Jarrar de 2012, *Os Infiltrados* (al-Mutasalilun), o artista desenha o retrato de uma sociedade civil palestina que luta para contornar os postos de controle. Sliman Mansour deixou seu estilo simbólico e figurativo para adotar um estilo abstrato, onde os elementos da ocupação são implicitamente exibidos de forma mais sugestiva; o jovem Bashar Khalaf assume as pinturas de seu mais velho, Sliman Mansour, mas injetando elementos de vigilância associados à ocupação para enfatizar as consequências na vida pessoal dos indivíduos; Steve Sabella, em sua série de fotografias, *Settlement, Six Israelis & One Palestinian*, se retrata nu diante

15 BOULLATA, 2005

do muro de separação para mostrar a vulnerabilidade dos palestinos nesta situação cotidiana; em suas pinturas figurativas, Hani Zurob retrata seu próprio filho em meio ao aparelho colonial; e finalmente, Mohamed Abusal, em suas instalações e fotografias, distorce elementos de seu ambiente, revisitando-o para recontar ironicamente a precariedade da vida cotidiana em Gaza¹⁶.



[Divulgação]

Cena do documentário “Os Infiltrados” (2012), dirigido por Khaled Jarrar

Às vezes abandonando o nacionalismo típico da geração anterior a Oslo, em uma abordagem mais individualizada da causa nacional, os novos artistas expressam autocrítica quanto à sociedade palestina, seu neoliberalismo e o fracasso dos acordos de paz. “Nestas criações contemporâneas, a individualidade está no centro de sua estética: a cena artística está se movendo progressivamente de uma ‘arte nossa’ para uma ‘arte minha’”, afirma Slitine.

16 SLITINE, 2005



[Reprodução/hanizurob.com]

Flying Lesson #12 – Hani Zurob (2013), 200x160 cm

Neste contexto, a utilização dos códigos da arte contemporânea e as novas tecnologias ajudam a marcar uma ruptura com o repertório político convencional. A cena passa de uma arte puramente nacionalista para uma que tende ao universalismo e considera a arte como uma luta pelos direitos humanos¹⁷.

Com a criação da Autoridade Palestina, com sede em Ramallah, houve uma reconfiguração da esfera cultural, o local se tornou capital política, econômica e cultural. Instituições culturais começaram a crescer, dando espaço para exposições dos artistas, entretanto, os obstáculos continuam, dado que as verbas destinadas à cultura são extremamente baixas e os artistas e instituições dependem de financiamento internacional. A fragmentação dos Territórios Palestinos Ocupados ecoa no mundo da arte, que acaba fragmentado devido a desigualdade do acesso e oferta cultural. Em 2010, estatísticas mostraram que 350 dos 471 centros culturais estavam localizados na Cisjordânia, 121 em Gaza; os seis museus estavam na Cisjordânia e apenas um dos quinze teatros estavam em Gaza, catorze na Cisjordânia.

17 Ibid.

Emily Jacir

Nascida em 1972 em Belém, na Palestina, Emily Jacir cresceu na Árabia Saudita e Itália, e então se mudou para os Estados Unidos. Com passaporte americano, a artista e cineasta consegue viajar com relativa facilidade para sua terra natal, e divide seu tempo entre Nova York e Ramallah. Seu trabalho é descrito como poético, político e biográfico. Em 2014 ela fundou o Dar Jacir, um centro para arte e pesquisa, em Belém, na Cisjordânia, dedicado a atividades educacionais, culturais e agrícolas.

Artista e ativista, Emily Jacir investiga narrativas históricas desconhecidas, e a influência da informação na formação da memória coletiva. Seguindo uma abordagem conceitual, seus trabalhos (fotos, vídeos, instalações e performances) são frequentemente baseados em pesquisas interdisciplinares plurianuais, e levantam questões sociopolíticas como o movimento e deslocamento de populações, fronteiras e limites, perda e resistência, com particular referência à questão palestina¹⁸.

Seu trabalho “Memorial a 418 vilarejos palestinos que foram destruídos, despovoados e ocupados por Israel em 1948”, 2001, realizado durante uma residência em Nova York, consiste em uma tenda de refugiados com os nomes de 418 aldeias palestinas bordadas, que foram mencionadas no livro de Walid Khalidi¹⁹. Os nomes das aldeias dizimadas durante a Nakba foram escritas com stencil por Jacir, que então pediu que as pessoas as bordassem. A ação durou quase três meses, com mais de 140 voluntários de diferentes países - inclusive palestinos e israelenses -, que

18 Texto de Anna Mykoniati, no catálogo da exposição permanente ENTER EMST. Collection & History, A short guide, 2020

19 KHALID, Walid. All That Remains: The Palestinian Villages Occupied and Depopulated by Israel in 1948

visitaram o estúdio de para bordar, discutir, cantar, lembrar e aprender sobre a história palestina. Segundo Ana Mykoniati, “a mensagem política é eloquente e clara. O próprio título da obra foi cuidadosamente selecionado de modo a oferecer a ênfase desejada, sem deixar espaço para interpretações errôneas, embelezamentos ou exotismo”.

Ela ganhou o Leão de Ouro da Bienal de Veneza em 2007 por seu trabalho “Material for a Film” (2004-), uma instalação multimídia imersiva em grande escala, baseada na vida do escritor palestino Wael Zuaiter que foi assassinado perto de sua casa em Roma por agentes israelenses da Mossad em 1972. Jacir reimagina os capítulos da vida de Zuaiter através de materiais descobertos pela artista, incluindo fotografias de família, correspondência e documentos relacionados à sua morte.



Memorial to 418 Palestinian Villages which were Destroyed, Depopulated and Occupied by Israel in 1948 – Emily Jacir (2001). Tenda de refugiados, linha de bordado, registro diário de nomes de pessoas que trabalharam na tenda, 138 x 115 x 96 centímetros

Sharif Waked

Sharif Waked é um artista palestino nascido em 1964, em Nazaré, filho de uma família palestina expulsa de al-Majdal, vilarejo palestino que foi destruído e despovoado durante a Nakba. Waked explora a propaganda contemporânea, a política, a violência estrutural e o preconceito em seus vídeos, instalações e pinturas.

Na série Beace Brocess, Waked se apropria das filmagens da Cúpula de Camp David, de 2000, nos Estados Unidos, em que Ehud Barak, primeiro-ministro israelense, e Yassar Arafat, representando a Organização de Libertação da Palestina, se reúnem para “negociações de paz”. “Naquele momento memorável, os dois homens fizeram uma demonstração lúdica das normas orientais de hospitalidade e respeito, ao mesmo tempo em que se acotovelavam sobre quem entraria na sala pela primeira vez. Beace Brocess transforma os gestos dos dois homens em um círculo de dança que se repete infinitamente”²⁰, explica o artista.

Na sua obra “Chic Point: Fashion for Israeli checkpoints” (Chic Point: Moda para postos de controle israelenses), um vídeo de sete minutos, Waked imagina um desfile de moda feito para os postos de controle israelense, em que as roupas são pensadas para antecipar as ordens diárias dos soldados para que os palestinos levem suas roupas ao cruzarem os postos de controle. As imagens do desfile são justapostas com uma série de fotografias documentais dos postos de controle.

Com o pano de fundo de uma batida rítmica pesada, os homens modelam um design após o outro em uma exploração da forma e do conteúdo. Zíperes, redes tecidas, capuzes e botões servem ao tema unificador

²⁰ Descrição da obra disponível em: <https://sharifwaked.info/works/beace-brocces/the-video-excerpt>

da carne exposta. Partes do corpo - costas inferiores, peitos, abdomens - espreitam através de buracos, aberturas e se dividem em camisetas, túnicas e camisas de seda e algodão pré-fabricadas. Matérias-primas e roupas padrão são transformadas em peças que seguem padrões de moda normativos, ao mesmo tempo em que são questionadas.

À medida que as imagens e os sons da passarela de passo rápido diminuem para o fim, o telespectador é transportado para a Cisjordânia e Gaza. Uma série de fotografias tiradas dos anos 2000 a 2003 mostra homens palestinos atravessando o ponto de controle israelense profundamente violento, mas altamente comum²¹.



Chic Point – Sharif Waked (2003). Frame do vídeo, 7 min, formato 4:3

21 Texto de Sharif Waked, de março de 2005, “Chic Point: Fashion for Israeli checkpoints. A reflection on politics, power, aesthetics, the body, humiliation, and surveillance.”. Disponível em: <https://universes.art/en/nafas/articles/2005/waked>

Mona Hatoum

Mona Hatoum nasceu em 1952, em Beirute, Líbano, filha de palestinos que fugiram de Haifa durante a Nakba, em 1948. Seus pais, como muitos outros palestinos exilados no Líbano, nunca conseguiram obter a identidade libanesa. Em 1975, se mudou para Londres, Inglaterra, onde estudou na Byam Shaw School of Art e Slade School of Fine Arts. Seus trabalhos multimídia frequentemente abordam o tema do exílio e deslocamento, explorando as relações entre resiliência e vulnerabilidade do corpo humano, violência e opressão, expatriação e pertencimento.

Em entrevista para Janine Antoni, em 1998, Hatoum afirma:

Quando fui a Londres em 1975 para o que deveria ser uma breve visita, fiquei presa lá porque a guerra eclodiu no Líbano, e isso criou outro tipo de deslocamento. Como isso se manifesta em meu trabalho é como uma sensação de disjunção. Por exemplo, em um trabalho como o Light Sentence, o movimento da lâmpada faz com que as sombras dos armários de malha de arame fiquem em movimento perpétuo, o que cria uma sensação muito inquietante. Quando você entra no espaço você tem a impressão de que toda a sala está balançando e você tem a sensação perturbadora de que o chão está se deslocando sob seus pés. Este é um ambiente em constante fluxo, sem um único ponto de vista, sem uma sólida estrutura de referência. Há uma sensação de instabilidade e inquietação na obra²².

22 Janine Antoni, “Mona Hatoum,” entrevista na BOMB Magazine, no. 63, Abril 1998. Disponível em: <https://bombmagazine.org/articles/mona-hatoum/>



Mona Hatoum posa com a sua obra *Quarters* (1996), no Institut Valencià d'Art Modern, no dia em que recebeu o Prêmio Juli González, em 15 de setembro de 2021
[Miguel Lorenzo/Institut Valencià d'Art Modern]

Quarters – Mona Hatoum (1996). Aço carbono. Quatro partes, 275,5 x 517 x 517 cm

Nos anos '80, enquanto cursava a universidade, Hatoum se dedicou à arte de performance, e desde o início da década de 1990, seu trabalho se desenvolveu em grandes instalações e esculturas. “Indo depois para a Universidade, que foi meu primeiro encontro com uma grande instituição burocrática, me envolvi na análise das estruturas de poder, primeiro em relação ao feminismo e depois em termos mais amplos como na relação entre o Terceiro Mundo e o Ocidente. Isto me levou a fazer trabalhos de confronto, de performance baseada em questões que foram alimentadas pela raiva e por um senso de urgência”, ela explica. Depois, quando passou para as instalações, partiu para uma “espécie de abordagem redutora”, “onde as formas podem ser vistas como estruturas estéticas abstratas, mas também podem ser reconhecidas como jaulas, armários, cadeiras, camas... O trabalho, portanto, se torna cheio de associações e significados - uma reflexão sobre o ambiente social que habitamos”²³.

Khalil Rabah

Nascido em 1961 em Jerusalém, Khalil Rabah estudou artes plásticas e arquitetura na Universidade do Texas. Rabah é o iniciador e diretor artístico da Bienal de Riwaq, de Ramallah, e co-fundador da Fundação de Arte Contemporânea Al Ma'mal em Jerusalém e da ArtSchool Palestine, em Londres. De acordo com a Fundação de Arte Sharjah, o artista é conhecido por “reescrever e inventar a história. Emergindo de seu profundo envolvimento e background em arquitetura, suas obras visam proporcionar uma visão alternativa que desafia as percepções e expectativas do público. Rabah reflete e recorre a diferentes metodologias para se envolver com temas de deslocamento, memória e identidade para examinar a relação entre os humanos e seu entorno, bem como a natureza do sofrimento humano global”²⁴.

23 Ibid.

Participou da XXIV Bienal de São Paulo, intitulada “Representações Nacionais”. De acordo com Jack Persekian, “a arte de Rabah desafia as normas estabelecidas e as convenções artísticas de seus predecessores”²⁵. Para ele, o trabalho é uma “investigação persistente e até certo ponto interminável, de sua própria identidade cultural. Tal investigação foi inconcebível por muitos anos e definitivamente desalinhada dos esforços coletivos do povo palestino que estave empenhado numa luta pelo direito de autoderterminação”.

Presente na Bienal de São Paulo, a obra “Dictionary Work (1997), de acordo com Gannit Ankori, “apresenta, muito literalmente, uma definição do ‘palestino’ articulado pelo Ocidente anglófono. A obra está formalmente relacionada às obras do dicionário de Joseph Kosuth, mas vai além de suas preocupações conceituais e cerebrais ao infundir o próprio objeto tanto com expressividade tátil quanto com significado psicopolítico. A obra de Rabah é construída a partir de um dicionário de bolso em inglês pregado na página que inclui a entrada ‘Filisteu’. O significado da palavra em inglês é baseado em noções ‘históricas’ racistas, relativas aos habitantes da antiga Palestina”²⁶.

O artista baseado em Ramallah criou o projeto-instituição “Museu Palestino de História Natural e Humanidade”, uma instituição fictícia para questionar as formas como a história é escrita e os museus em geral.

24 Sharjah Art Foundation. Khalil Rabah. Disponível em: <http://sharjahart.org/sharjah-art-foundation/people/rabah-khalil>

25 PERSEKIAN, Jack. Downloading antropofagia (título provisório). Catálogo da 24ª Bienal de São Paulo: Representações Nacionais, 1998. Disponível em: <https://issuu.com/bienal/docs/namecb6084>

26 ANKORI, Gannit. In: From Palestinian Art, 2006. Trecho disponível em: <https://contemporaryarabart.tumblr.com/post/54106589887/khalil-rabah-dictionary-work-1997-pocket>

“Trata-se de fazer com que os espectadores parem e apliquem um conjunto de reflexões retiradas da obra de arte em suas próprias vidas e experiências”, diz ele em entrevista para o Monitor do Oriente Médio. “Começando com o nome - Museu Palestino de História e Humanidade - quero confrontar expectativas e nacionalismo. Meu trabalho é pró e anti nacionalismo ao mesmo tempo. Claro, está relacionado à experiência palestina, ou a um certo conhecimento da Palestina, porque sou assim; um palestino. Mas acredito que as condições de um lugar específico às vezes podem representar preocupações maiores para a humanidade”²⁷.

O museu é nômade e partes dele já foram expostas em Londres, Amsterdã, Istambul e Roma. Em sua declaração, o Museu afirma ser

cubista em sua impossibilidade, é ocupado, exilado em casa, e em todos os lugares no exterior. Um lugar inteiramente novo, não des cansa em lugar algum enquanto se espera pelo nosso retorno. Quatro séculos atrás, tão pouco patriótico quanto ineficiente, é a estúpida obstinação do refugiado, e o sujeito de um desprezo natural. O museu é ganancioso, existindo em uma pobreza tão abjeta que a opinião é um luxo impossível²⁸.

27 MORELLI, Naima. The Palestinian Museum of Natural History and Humankind: interview with artist Khalil Rabah. Monitor do Oriente Médio. 20 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.middleeastmonitor.com/20161220-the-palestinian-museum-of-natural-history-and-humankind-interview-with-artist-khalil-rabah/>

28 RABAH, Khalil. Declaração. Disponível em: <http://www.thepalestinianmuseumofnaturalhistoryandhumankind.org/home-about/statement/>

Khaled Hourani

Khaled Hourani além de artista, também é escritor e curador. Nascido em Hebron, em 1965, hoje vive e trabalha em Ramallah, na Palestina. Ele foi diretor artístico da Academia Internacional de Arte Palestina de 2007 a 2010, e seu diretor geral de 2010 a 2013. Ele também trabalhou como diretor geral do Departamento de Belas Artes no Ministério da Cultura da Palestina (2004 - 2006).

Como diretor artístico da Academia Internacional de Arte Palestina (IAAP, na sigla em inglês) em Ramallah, Hourani foi o idealizador do projeto “Picasso na Palestina”, de 2011, que conseguiu levar à Palestina ocupada a obra “Buste de Femme” (1943), de Picasso, da coleção de Van Abbemuseum in Eindhoven. “Picasso na Palestina é um projeto de arte que visa sondar mecanismos, procedimentos, obstáculos e exigências para levar uma pintura deste tipo para a Palestina. Ao fazer isso, ele lança luz sobre a realidade contemporânea da Palestina e dá ao projeto de arte o poder do impossível. Picasso na Palestina trata de instituições em diferentes locais, do valor e do financiamento da arte e das relações humanas e da mídia. A aventura começa quando a obra de arte parte para a Palestina, mas não necessariamente termina quando ela chega em segurança de volta para casa”²⁹, escreveu Hourani.

Por ter as mesmas cores da bandeira palestina, Hourani usa em suas obras a figura da fatia de melancia como um símbolo de resistência, em alusão à bandeira e à época em que o governo israelense proibiu o uso das cores verde, vermelho, branco e preto juntas.

29 Texto presente no programa da exposição “Picasso na Palestina: Um ícone moderno a ser exibido em Ramallah”, de 24 de junho de 2011 a 10 de julho de 2011. Disponível em: <https://vanabbemuseum.nl/en/programme/programme/picasso-in-palestine/>

Após a ocupação da Cisjordânia e Gaza em 1967, Israel banuiu todas as exibições públicas da bandeira palestina e suas cores. Qualquer tipo de exibição externa da bandeira, desde publicações a anúncios e fotografias poderia resultar em prisão.

Em 1980, uma exposição dos artistas Sliman Mansour, Nabil Anani e Issam Badr na 79 Gallery foi fechada por soldados israelenses porque as obras de arte eram políticas e traziam a bandeira palestina e suas cores (vermelho, verde, preto e branco). Ao jornal The National, Mansour afirmou que a exposição esteve aberta por apenas três horas antes dos soldados limparem o espaço e o trancarem. Duas semanas depois, oficiais israelenses convocaram os três artistas, avisando-os para pararem de produzir pinturas políticas, e talvez pintar flores em seu lugar.

“Eles nos disseram que a pintura da bandeira palestina era proibida, mas também as cores eram proibidas. Então Issam disse: ‘E se eu fizesse uma flor com vermelho, verde, preto e branco?’, ao que o oficial respondeu com raiva: ‘Ela será confiscada. Mesmo se você pintar uma melancia, ela será confiscada’³⁰, contou Mansour.

Hourani pintou pela primeira vez uma fatia de melancia como referência a bandeira para o projeto Subjective Atlas of Palestine em 2007. Seu trabalho viajou o mundo e a melancia se tornou um símbolo da resistência palestina.

31 Reportagem de Alexandra Chaves, “How the watermelon became a symbol of Palestinian resistance”, para o The National, publicada em 30 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.thenationalnews.com/arts-culture/how-the-watermelon-became-a-symbol-of-palestinian-resistance-1.1230806>

Em uma série³¹ de trabalhos, Hourani pinta a imagem de crianças palestinas pulando no ar sobre muro do apartheid israelense, que não parece ter significado ou importância. “Hourani concentra-se na geração jovem, que se encarrega de desafiar a ocupação independentemente do que acontece na arena política; estas são as mesmas crianças que são vistas em manifestações nas ruas, descalças desafiando a pesada artilharia israelense, as crianças do futuro”³².

Bashar Khalaf

Nascido em Ramallah, em 1991, Bashar Khalaf é formado em Belas Artes pela Universidade Al Quds. Em 2014, recebeu, pela sua série de pinturas “The Shadow of the Shadow”, o Prêmio Jovem Artista do Ano, organizado pela Fundação A. M. Qattan.

Na série, Khalaf usa como referência pinturas do renomado artista palestino Sliman Mansour, criando imagens atualizadas sobre a ocupação. Além de uma homenagem ao importante artista palestino, a série é também uma declaração de independência do trabalho do mestre e de sua geração de artistas. Assim como nas obras de Mansour, as pinturas de Bashar refletem sobre temas da ocupação israelense, resistência, identidade e política palestina, mas sob pontos de vista diferentes. Khalaf expõe a realidade palestina na contemporaneidade, sua fragmentação e apagamento, ressaltando a evolução e deterioração da situação palestina.

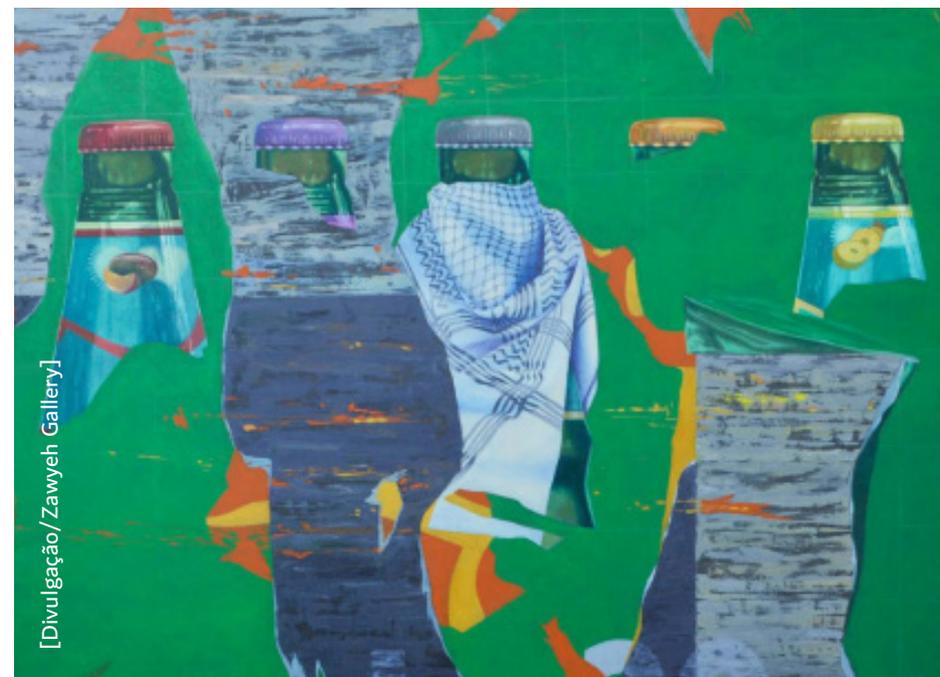
Em sua exposição individual na Galeria Zawyeh, “In search of a Portrait”, exposta de outubro a dezembro de 2019 em Ramallah, Bashar Khalaf

31 Na foto de capa: obra Rihan (2020) faz parte da série.

32 Texto presente no catálogo da exposição “Arte Palestina: Resiliência e Inspiração”, da galeria Zawyeh, disponível em: <https://zawyeh.net/wp-content/uploads/2020/02/PDF-ALSERKAL-AV.pdf>

embarca em uma jornada pessoal examinando o transformações em duas épocas da história palestina, concentrando-se nos símbolos visuais populares e suas conotações em diferentes momentos. Em paralelo, ele busca seu papel como artista em um momento em que a causa palestina experimenta grandes transformações, não apenas em termos da falta de visão interna e de posições políticas sólidas, mas também em termos da ambiguidade das posições dos artistas em relação à arte e à própria causa.

O artista reflete sobre lambe-lambes colados nas paredes da cidade, uns sobre os outros, em uma luta para impor suas mensagens aos passantes. Há obras em que cartazes são rasgados em camadas, simbolizando esse caos de mensagens, e obras em que símbolos nacionais são misturados a símbolos da globalização e capitalismo.



In Search of a Portrait #11 – Bashar Khalaf (2019). Óleo sobre tela, 170 x 170 cm

Hani Zurob

Hani Zurob nasceu em 1976, no Campo Rafah, de Gaza; mais tarde mudou-se para Nablus, onde se graduou em Belas Artes, na Universidade Al-Najah, em 1994. Em 2001, se mudou para Ramallah para seguir sua carreira artística e em 2006 recebeu uma bolsa na Cité Internationale des Arts e passou a residir em Paris, onde vive e trabalha até hoje.

Ele é um influente e reconhecido artista palestino contemporâneo, conhecido por suas pinturas vívidas, muitas vezes influenciadas pelas experiências de sua vida. Muitas de suas obras são abstratas, mas carregam a experiência da ocupação. A maioria de suas pinturas são criadas usando alcatrão, acrílico e mídia mista. A escolha do alcatrão como material remete à sua infância no campo de refugiados de Rafah, na Faixa de Gaza, especialmente durante a Primeira Intifada. Em entrevista ao Monitor do Oriente Médio³³, ele conta que ainda se lembra de como, depois de quarenta dias sob toque de recolher, ele e sua família saíram de suas casas e encontraram o espaço ao ar livre completamente coberto de fuligem. A palavra em árabe para alcatrão é “Zeft”, usada para descrever um sentimento de desânimo ou repulsa.

Em sua série “Flying Lesson & Waiting” (Lições de voo e espera), que teve início em 2009 e ainda está em andamento, o artista mistura fotografias de seu filho pequeno em fundos brilhantes, com imagens da ocupação. O artista conta que a ideia da série surgiu quando seu filho Qoudsi começou a falar e perguntou ao pai o porquê ele não viajava com ele e sua mãe para Jerusalém. “Eu sabia que minha resposta a esta per-

33 MORELLI, Naila. Flutuando no infortúnio: Entrevista com o artista palestino Hani Zurob. Monitor do Oriente Médio, 2 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.monitordooriente.com/20220202-flutuando-no-infortunio/>

gunta seria difícil de entender para Qoudsi. Eu nunca poderia viajar com ele e sua mãe para Jerusalém porque possuo uma carteira de identidade de Gaza”, escreve o artista.

Qoudsi, como todas as crianças de sua idade, é seletivo quando se trata dos brinquedos que ele escolhe para brincar. Ele os usa subconscientemente para expressar seus pensamentos e preocupações. Tenho notado que ele escolhe brincar cada vez mais com seus brinquedos de transporte. Isto deve estar enraizado em sua busca e crença em uma forma de transporte que possa nos unir na casa de seu avô em Jerusalém. Uma vez, ele se ofereceu para me embalar em sua mala; em outra ocasião ele sugeriu que dirigíssemos juntos em seu pequeno carro de brinquedo, e mais uma vez ele me pediu para ir na parte de trás de sua bicicleta. No final, ele sempre escolhe o avião, que é também seu assento preferido em carrosséis. Sua busca é implacável, e toda vez que ele viaja para Jerusalém, sinto que ele amadurece e seus pensamentos se tornam mais sofisticados.

Através do uso de tintas a óleo e acrílicas e outros meios, eu tento criar um imaginário mundo composto de três reinos. O primeiro reino é o exílio, onde vive o pai/artista, ausente dos quadros. Isto é apresentado em contraste com a representação do filho; o único humano vivo no trabalho e retratado como diminuto em comparação com seu entorno. O segundo domínio é o próprio Qoudsi, pois ele aparece visualmente e no ato de mostrar seus sentimentos através do uso e interação com seus brinquedos. O terceiro reino é o do espaço, de onde viemos, que é representado através de paredes e fundos multicamadas; traços simbólicos da vida complexa que não permite que Qoudsi e eu nos abraçamos. É na minha construção de um mundo imaginário onde ocorre um espaço para tal encontro.

Após cada viagem a Jerusalém, com cada novo brinquedo que ele acrescenta a seu armário superlotado, e enquanto tentamos encontrar nosso próprio terreno em cada quadro; Qoudsi continuará a esperar por nossa viagem juntos e eu também. Até que ele compreenda a realidade que nos é imposta, nós continuaremos a brincar o jogo de espera e a aprendizagem das lições de voo³⁴.

Laila Shawa

Laila Shawa é uma artista conhecida pelo uso de cores fortes, ilustrações e estilo pop art, com um conteúdo altamente político, expondo as injustiças e perseguições sofridas na Palestina. Nascida em Gaza, em 1940, ela estudou no Instituto de Arte Leonardo da Vinci, no Cairo, e na Academia de Belas Artes de Roma e também frequentou a School of Seeing em Salzburg, estabelecida pelo artista austríaco Oskar Kokoschka. Em 1964, de volta a Gaza, ela supervisionou a educação artística e artesanal da UNWRA enquanto trabalhava com o fotógrafo documental Hrant Nakashian. Ela colaborou no projeto e construção do Centro Cultural Rashad Shawa.

Para o Monitor do Oriente Médio, a crítica de arte Naima Morelli escreve que “Shawa foi capaz de casar arte e vida em um corpo original e único de seu trabalho”.

Ao repudiar qualquer tipo de rótulo para si mesma, a artista dedicou sua carreira a expressar as realidades complexas da vida do povo palestino, dando voz às mulheres da região. Ao fazê-lo, foi capaz de criar uma arte que é política sem ser simplesmente retórica; pop sem

34 Texto do artista, escrito em 2019, sobre as séries “Flying Lesson & Waiting”. Disponível em: <https://hanizurob.com/uploads/2019/06/Hani-Zurob-Flying-Lesson-and-Waiting-text-English-2009.pdf>

ser superficial. Ela mergulhou na comunidade artística, bem como no ativismo social. Está intimamente sintonizada com o espírito dos tempos, além de ser atemporal³⁵.

“Através de minha abordagem multicamadas, expresso as dicotomias, ironias e hipocrisias às quais os outros parecem menos sintonizados”, afirma a artista. “Hoje, quando somos dessensibilizados pelo excesso de violência da mídia, novas estratégias são necessárias para superar a apatia e o cansaço das pessoas em relação à compaixão.”³⁶

Em *The Other Side of Paradise* (O Outro Lado do Paraíso), exploro as motivações por trás da shahida- o termo árabe para “mulher-bomba suicida” - uma questão que poucas pessoas provavelmente optariam por considerar. O núcleo do modelo shahida gira em torno de uma confusão preocupante de erotização e armamentização. Nesta instalação, procurei atribuir a cada aspirante uma identidade e integridade que de outra forma lhe seria negada nas notícias rotineiramente horripáveis da mídia sobre mulheres-bomba em Gaza³⁷.

Segundo a October Gallery, “as contradições de uma espiral lógica que ultrapassa todo controle racional são um dispositivo de assinatura no relato de Shawa sobre o caos atual na Palestina”.

Poucos artistas escolhem especular sobre o que motiva uma mulher a se explodir a serviço de uma causa. Alguns os retratam como fanáticos fundamentalistas, enquanto para outros são vítimas trauma-

35 MORELLI, Naima. A vida e obra da artista islâmica palestina Laila Shawa. Monitor do Oriente Médio, em 24 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.monitordooriente.com/20190424-a-vida-e-obra-da-artista-islamica-palestina-laila-shawa/>

36 Declaração de Laila Shawa. Disponível em: <http://signsjournal.org/laila-shawa/>

37 Ibid.

tizadas de uma sociedade dominada pelos homens, com pouco para mediar entre estes dois extremos polarizados. Shawa, em sua análise das complexidades desta escolha de carreira inegavelmente real, coopera com a linguagem codificada do design de moda, pois seus manequins modelam várias realizações do que pode realmente encorajar uma mulher a se destruir em vez de viver uma vida que ela acha insuportável. Um dos corpos do manequim esculpido está coberto de rosas, uma referência ao discurso de Arafat em Ramallah onde ele proclamou “Mulheres e homens são iguais!” a mil mulheres, antes de continuar, “Você é meu exército de rosas que esmagará os tanques israelenses”. Enquanto Arafat parecia desconhecer a ironia das mulheres palestinas finalmente alcançando seu objetivo de igualdade sexual a um preço tão inviável, Shawa, não é tão ingênua e lança delicadamente o mecanismo mortal que espreita no coração do florescimento retórico de Arafat³⁹.

38 October Gallery. Texto sobre a exposição Laila Shawa: The other side of paradise (O outro lado do paraíso), de fevereiro a março de 2012. Disponível em <https://octobergallery.co.uk/exhibitions/2012osp>



[Divulgação / October Gallery]

Gaza Sky – Laila Shawa (2011). Fotografia e meios mistos em tela, 170 x 95 cm

Coletivo New Visions

O coletivo New Visions propôs novas maneiras para a arte ser usada como ferramenta de propagação do ativismo político e da resistência diante da ocupação. Fundado por Sliman Mansour, Vera Tamari, Nabil Anani e Tayseer Baraka durante a primeira Intifada Palestina (1987-1993), os artistas propuseram uma nova abordagem na arte, em uma abordagem mais individual e experimental, usando novas técnicas e materiais. O grupo propôs o uso de materiais locais e o boicote das tintas e materiais de arte fornecidos por Israel, em protesto contra a ocupação.

A primeira exposição do grupo aconteceu em Jerusalém, em 1989, onde cada um dos artistas aplicou uma nova abordagem, “explorando o potencial expressivo dos materiais e técnicas locais” e “procuraram abordar em suas iconografias visuais os urgentes desafios criativos que o povo palestino enfrenta”³⁹. Em 1991, a exposição conjunta New Visions II “provocou um sentimento de inquietude, mais eloquente nas representações das mulheres, que constituíram a esmagadora maioria das representações figuradas na exposição. Esta projeção do tema feminino na arte palestina coincidiu com um novo interesse no estudo das questões da mulher e seu papel proeminente vida sob ocupação, particularmente durante a Intifada”⁴⁰.

Em 1994, o grupo renovou uma casa tradicional árabe em Jerusalém e estabeleceu o Centro de Arte Al-Wasiti. Os quatro artistas estão entre os fundadores da Associação Palestina de Arte Contemporânea e estabeleceram a Academia Internacional de Arte Palestine em 2006, a primeira faculdade de belas artes em território palestino.

39 TAMARI, Vera; JOHNSON, Penny. *Loss and Vision: Representations of Women in Palestinian Art under Occupation*. In: *Discourse and Palestine: Power, Text and Context*. Anneliese Moors Ed. et al. Amsterdam: Het Spinhuis, 1995.

40 Ibid.

Vera Tamari

Vera Tamari é uma artista, educadora e curadora nascida em 1945 em Jerusalém e que reside e trabalha em Ramallah. Formou-se em belas artes no Líbano, pelo Beirut College for Women (hoje, Universidade Libanesa Americana), em 1966. Em 1972 se especializou em cerâmica em Florença, Itália, no Instituto Statale per la Ceramica, e em 1984 obteve seu mestrado na Universidade de Oxford, em Arte e Arquitetura Islâmica. Tamari foi a primeira artista a estabelecer um estúdio de cerâmica na Cisjordânia e foi uma das fundadoras do Centro de Arte Al-Wasi em Jerusalém, e do coletivo de artistas New Visions (Sliman Mansour, Vera Tamari, Nabil Anani e Tayseer Barakat), estabelecido durante a Primeira Intifada. É membro da Liga de Artistas Palestinos e do Centro Cultural Khalil Sakakini.

A artista trabalha principalmente com argila, criando delicadas pinturas em baixo relevo e esculturas compostas de figuras esculpidas de argila amassada sobre madeira. Também produz pinturas de paisagens em aquarela e tinta e composições abstratas com colagem de tecidos. Nas palavras da crítica Kamal Boullata:

As cores pastéis e aquarelas de Tamari oferecem camadas fluidas de transparências brilhantes. Ao desaparecerem em um fundo muitas vezes composto de propagações improvisadas de tinta, as formas amorfas de Tamari lembram os padrões aleatórios de paredes antigas. Cores prismáticas filtradas através de suas formas angulares brilham com contrastes pungentes que lembram estar dentro de um santuário e olhando para fora através de um vitral. As áreas texturizadas são geradas por pinceladas curtas e delicadas que imitam a maneira como os pintores de ícones bizantinos moldaram a forma estilizada. As abstrações de Tamari aludem à paisagem, muitas vezes apresentadas na

forma de uma cruz. Ao destacar a oposição dinâmica entre vertical e horizontal, a cruz de Tamari sugere simultaneamente o Gólgota e sua própria casa pessoal⁴¹.



Tale of a Tree — Vera Tamari (1999). 177 x 220 x 173 cm; plataforma: 26 x 220 x 153 cm; impressão: 118 x 119 cm; árvore de cerâmica: cerca de 7 x 3 cm cada

41 BOULLATA, Kamal. Art. In: MATTAR, Philip (org). Encyclopedia of the Palestinians. Revised Edition. Facts On File, 2005, p. 89

Na instalação Tale of a Tree, Tamari faz um tributo às centenas de oliveiras que foram (e continuam sendo) destruídas por colonos e forças militares israelenses. O tema das oliveiras é recorrente em seu trabalho; além de um alimento essencial para os palestinos, a azeitona é também usada como remédio, cosmético e um símbolo da relação dos palestinos com a sua terra. Em março de 2000, sua irmã, Tania Tamari Nasir escreveu: Vera Tamari presta homenagem às oliveiras, um tema persistente em seu trabalho, agora uma visão sonhadora em miríades de tons de azul pastel, rosa, roxo e amarelo ocre: A oliveira, verde e sólida, dando origem a miniaturas coloridas em si, cansada de sua forma antiga e de seu símbolo constante, quebra normas e transcende a tradição, estourando em um deslumbrante arco-íris para o futuro⁴².

Nabil Anani

Nascido em 1943, em Latroun, Palestina, Nabil Anani vive em Ramallah e é um dos principais fundadores do movimento artístico contemporâneo palestino. Estudou artes plásticas na Universidade de Alexandria, no Egito, em 1969, e ao retornar à Palestina, começou sua carreira como artista e formador de professores na faculdade de treinamento da ONU em Ramallah. Anani é pintor, escultor e ceramista; fez sua primeira exposição em Jerusalém em 1972 e desde então participou de exposições individuais e coletivas na Europa, América do Norte, Oriente Médio, Norte da África e Japão.

Foi pioneiro no uso de materiais locais, como o couro, henna, corantes naturais, papel machê, madeira, cobre e outros. Recebeu o primeiro Prêmio Nacional Palestino de Arte Visual em 1997 por Yasser Arafat e, em

42 NACIR, Tania Tamari, em março de 2000. Declaração disponível em: <https://stationmuseum.com/past-exhibitions/made-in-palestine/vera-tamari/>

1998, tornou-se diretor da Liga de Artistas Palestinos. Desempenhou um papel importante no estabelecimento da primeira Academia Internacional de Belas Artes na Palestina.



[Divulgação/Zawyeh Gallery]

Olive Groves #3 — Nabil Anani (2019). Meios mistos em tela, 102 x 110 cm

43 Galeria Zawyeh sobre Nabil Anani. Disponível em <https://zawyeh.net/nabil-anani/>

44 ANANI, Nabil. Diary Of An Artist In Interesting Times. Publicado em 16 de novembro de 2020. Disponível em <https://selectionsarts.com/nabil-anani-diary-of-an-artist-in-interesting-times/>

Em 2020, Nabil Anani lançou a série de obras “In Pursuit of Utopia”, que tem como temática central a figura das oliveiras, utilizando como materiais plantas desidratadas, palha e meios mistos. De acordo com a galeria Zawyeh, “ Suas obras de arte capturam uma paisagem semi-árida vazia na qual as plantas crescem pouco enquanto as oliveiras prosperam. O cenário de olivais espalhados pelo horizonte através da paisagem palestina reflete a natureza robusta desta planta que permanece enraizada na terra apesar das adversidades”⁴³.

Para o Selections Arts⁴⁴, Nabil Anani escreveu que a maioria de suas obras produzidas em 2020 foram de pinturas paisagísticas, “ o que me ajudou a escapar da dolorosa realidade em que vivemos” e que a esperança está sempre presente em suas pinturas “através das cores e formas escolhidas”.

Consegui belas pinturas que me transportaram para longe e me deixaram abraçar a natureza. Por exemplo, desenhei muitas oliveiras que sempre me lembram da paisagem palestina, não só do ponto de vista político, mas também da perspectiva da terra, da identidade e da beleza da natureza palestina.

Tayseer Barakat

Nascido no campo de refugiados de Jabalia, na Faixa de Gaza, em 1959, Tayseer Barakat é um dos mais proeminentes artistas palestinos. Ele se formou no College of Fine Arts de Alexandria, no Egito, em 1983 e é diplomado pela Unesco em Art Education. Vive em Ramallah, onde produz e ensina arte. É membro fundador dos grupos de arte Dialogue in Alexandria e New Visions.

A prática artística de Barakat é inspirada no passado, nas tradições orais e culturais ligadas à vida palestina. Usa uma paleta de cores monocromáticas e escuras, que, segundo ele, “refletem as dificuldades de nosso tempo e de nossa vida atual. Acho que a pressão sobre nós nos faz usar cores escuras”⁴⁵. Além de tintas e corantes, utiliza em suas obras diversos materiais, como madeira, metal e vidro.



[Divulgação/Zawyeh Gallery]

Light in the Dark #1 – Tayseer Barakat (2016). Acrílico sobre tela, 200 x 250 cm

Participou da 23ª Bienal de São Paulo, de 1996, no Brasil, que teve como tema “a desmaterialização da arte no final do milênio”. No texto “A Calidez do espaço nos trabalhos de Tayseer Barakat”, presente no catálogo da exposição, Jmal Afgany escreve:

45 Declaração apresentada pela Galeria Zawyeh. Disponível em: zawyeh.net/tayseer-barakat/

É necessário ter insight, é necessário olhar com o coração a geografia do espaço e o domínio desta geografia no mundo interior de Tayseer Barakat, se pretendemos entrar nele. Ao olhar para um de seus trabalhos, a memória parece girar e evocar em nossos corações um medo infantil de sermos sugados para o espaço mítico da obra. É necessário aprofundar-se horizontal e verticalmente na geologia dos mundos espaciais que nela existem. Se pretendermos uma busca horizontal devemos fechar o nosso coração e seguir caminhando até alcançar a superfície.

Ao ficar em frente às suas obras é necessário mergulhar para alcançar a lógica das partes e do detalhe; somente então é possível alcançar a estrutura do todo. Tayseer nos guia até o mito do espaço, depois nos permite toda a liberdade para flutuar com suas figuras voadoras à procura da eterna energia espacial. O poder do espaço nos trabalhos de Tayseer nos leva a afirmar que ele é um artista esforçado, que seleciona um objeto especial e o estuda pelas diversas telas cheias da dramaticidade do espaço e do gosto de tempos míticos⁴⁶

Em “Light in the Dark”, janelas apresentam diferentes histórias da Palestina ocupada, como a Nakba de 1948, a Intifada, o Muro do Apartheid, Jerusalém e outros. As janelas trazem pessoas em confinamento que anseiam por liberdade. “Pode-se notar uma competição entre as cores preto e branco, uma luta pelo domínio em cada quadrado como se o artista estivesse redimindo o ‘branco’ de um poço de uma memória perdida (preto) em uma tentativa de documentação para as gerações futuras”⁴⁷.

46 AFGANY, Jmal. A Calidez do espaço nos trabalhos de Tayseer Barakat. Catálogo da 23ª Bienal de São Paulo - A desmaterialização da arte no final do milênio, 1996. Disponível em: <https://issuu.com/bienal/docs/name4e2bf4/260>

Sliman Mansour

Sliman Mansour nasceu em 1947 em Birzeit, na Palestina e estudou belas artes na Academia de Arte Bezalel, em Jerusalém. Foi cofundador da Liga dos Artistas Palestinos, em 1973, e do Centro de Arte al-Wasiti em Jerusalém, estabelecido para construir uma ponte entre artistas palestinos no local e no exílio. Recebeu, em 1998, o Prêmio Palestino de Artes Visuais e, em 2019, o Prêmio UNESCO-Sharjah de Cultura Árabe.

Seu trabalho usa símbolos da identidade nacional, vida, cultura, história e tradição. Sua arte reflete as esperanças e realidades do povo sob ocupação. Desde o início dos anos 70, ele traz a experiência de isolamento, deslocamento, comunidade e enraizamento usando imagens e símbolos que contribuíram para o desenvolvimento de uma iconografia da luta palestina. Uma de suas obras mais famosas é “Camel of Hardship”, de 1974, em que um velho carrega Jerusalém em suas costas. Retrata a identidade e memória palestina, passada oralmente através das gerações de palestinos no exílio. Essa obra se transformou em cartazes, cartões postais e adesivos, desafiando a ocupação israelense que confiscava obras de arte e cartazes e fechava exposições e galerias. A luta palestina é o principal tema de suas obras; como imagens de mulheres usando trajés tradicionais palestinos, ilustrações de Jerusalém, o Domo da Rocha e paisagens da terra palestina. Com imagens de laranjais, ele representa a terra perdida na Nakba de 1948, e com as oliveiras, representa a terra ocupada na Naksa de 1967.

Parte do coletivo New Visions, Mansour utilizou a lama como material para suas pinturas, um símbolo da terra palestina, capturando a essência do enraizamento palestino e a fragmentação política e geográfica.

47 Texto presente do catálogo da exposição “Arte Palestina: Resiliência e Inspiração”, da galeria Zawyeh. Disponível em <https://zawyeh.net/palestinian-art-resilience-and-inspiration/>

Em uma longa faixa de lona, a obra de Sliman Mansour “Revolution was the Beginning” conta a história da Palestina desde a Nakba de 1948. Começando com o deslocamento dos palestinos, o artista apresenta vários marcos na luta palestina. A tela começa com a cena de um campo de refugiados sob um céu escuro (à direita) e termina com a imagem de um jovem marchando com uma bandeira palestina (na extrema esquerda). Vários símbolos diretos aparecem na obra de arte, refletindo o direito de retorno, a prisão, o muro do apartheid, o martírio e a transformação da natureza da luta palestina através da história. O artista faz do Domo da Rocha e dos Olivais um ponto central da pintura⁴⁸.

[Divulgação/Zawyeh Gallery]



Revolution was the Beginning – Sliman Mansour (2016). Óleo sobre tela, 200 X 500 cm

48 Texto presente do catálogo da exposição “Arte Palestina: Resiliência e Inspiração”, da galeria Zawyeh. Disponível em <https://zawyeh.net/palestinian-art-resilience-and-inspiration/>

MEMO



MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

Criando Novas Perspectivas



monitordooriente.com



[/monitordooriente](https://www.facebook.com/monitordooriente)



[@monitordoorient](https://twitter.com/monitordoorient)



[@monitordooriente](https://www.instagram.com/monitordoorient)